
Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de artigos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



Michel-Rolph Trouillot | Imagem: [CartaCapital](#).

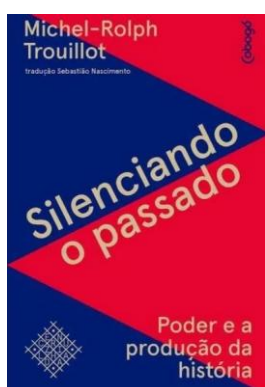
Sobre esquecer e lembrar – Resenha de *Silenciando o passado: poder e a produção da história*, de Michel-Rolph Trouillot

Fernando de Souza Cruz (SEED/SE/UFS)

Resumo: *Silenciando o Passado*, de Michel-Rolph Trouillot, analisa como o poder molda a produção da história por meio de silenciamentos. A obra propõe uma crítica epistemológica à historiografia ocidental. Fruto de seu tempo, apresenta dados desatualizados sobre a escravidão nas Américas, o que não compromete a relevância da obra para profissionais do ensino de História e pesquisadoras da área.

Palavras-chave: escrita da história; passado; silêncio.

Silenciando o Passado: Poder e a Produção da História, de Michel-Rolph Trouillot, buscar demonstrar a ausência de fatos, personagens e sociedades na história hegemônica a partir do que o autor nomeou como silêncios, os quais são o motor da narrativa histórica e da historiografia e ferramentas de poder. Essa tradução da obra faz parte da coleção Encruzilhadas organizada, por José Fernando Peixoto de Azevedo, prefaciada por Raoul Peck, cineasta, escritor e ministro da cultura do Haiti entre 1996 e 1997, o qual considera o livro “fundador e emancipador” pois “propõe a mudança radical do local e da própria composição da narrativa, ele critica a abordagem e as ‘escolhas’ empíricas, analíticas e teóricas. Escolhas de dizer ou calar. De ver ou ignorar” (p. 12). No mesmo bojo, José Fernando classifica a coleção, e, portanto, a referida obra, como “chave para a compreensão das experiências diaspóricas, na emergência de temporalidades e lugares forjados no trânsito de corpos e tradições” (p. 261).



O autor é um homem negro, haitiano, exilado nos anos 1960 pela ditadura dos Duvalier ("Papa Doc" Duvalier e "Baby Doc" Duvalier). Quando jovem no Haiti, Trouillot convivia em sua casa com intelectuais que pensavam o futuro, o presente e, sobretudo, o passado haitiano, destacando a importância da Revolução Haitiana para a humanidade. No exílio em Nova Iorque, o autor constrói sua formação acadêmica, profissional (professor da Universidade Johns Hopkins) e política (à esquerda), denunciando a violência da ditadura dos Duvalier, a relação do mundo ocidental com a repressão em seu país de origem, principalmente, diante do cânone acadêmico ocidental. Seu primeiro livro sobre a Revolução Haitiana

Ti difé boulé sou istwa Ayiti (1981) é publicado em crioulo haitiano, língua não oficial da grande maioria da população. Contudo, é em *Silenciando o Passado* onde o autor estrutura sua crítica epistemológica à historiografia ocidental. Vivenciando as independências africanas, o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e ascensão dos neoliberais, Trouillot analisa criticamente a historiografia daquele período, exemplificada nos polos opostos da pós-modernidade, na figura de Hayden White, e do marxismo, personificado em Eric Hobsbawm. Ele afirma que ambos usufruem de uma mesma premissa: o silêncio sobre partes do passado, elegendo o silêncio como motor da história, logo, quem define os silêncios do passado e do presente detêm o poder e “este livro é sobre história e poder” (p.31).

Em “*Silenciando o Passado: poder e a produção da história*”, Michel-Rolph Trouillot estrutura sua crítica epistemológica à historiografia ocidental, exemplificada nos polos opostos da pós-modernidade na figura de Hayden White e do marxismo em Erick Hobsbawm, e afirma: ambos partem da mesma premissa - o silêncio sobre partes do passado. O silêncio seria o motor da história; logo, quem define os silêncios do passado e do presente detêm o poder, e “este livro é sobre história e poder” (p. 31). Este ensaio historiográfico transita entre antropologia, historiografia, teoria social e política, e tem o objetivo de desvelar as tramas de poder imbricadas no passado e na historiografia, as quais definem o quê, com quais fontes e como esse passado será transmitido, dialeticamente, e quais serão silenciados. Os cinco capítulos do livro seguem a mesma estrutura, respectivamente: narrativa ensaística sobre um fato histórico, análise da discussão historiográfica ocidental e elementos da história pública, aplicação do método de identificação das relações de poder nessas situações, evidenciando silêncios existentes tanto na historicidade como na dialética entre elas.

Trouillot dedica o primeiro capítulo à investigação das relações de poder na historiografia e nos acontecimentos do passado, partindo dos silêncios para construir sua teoria sobre a

escrita da história: “uma teoria da narrativa histórica deve reconhecer tanto a distinção quanto a sobreposição entre processo e narrativa.” (p. 62). Nesse sentido, deve-se considerar a subjetividade tanto dos atores-narradores do passado quanto dos do presente. Esse duplo lugar torna os sujeitos plenamente históricos, pois “compromete-os simultaneamente com o processo socio-histórico e com as construções narrativas desse processo” (p. 65). A sobreposição dos dois lados da historicidade explicita as relações de poder que viabilizam determinadas narrativas e silenciam outras. O silêncio, enquanto categoria de análise, é adotado como construção deliberada característica dos processos de poder e deve ser verificado na elaboração das fontes (criação), dos arquivos (composição), das narrativas (recuperação do fato) e da história em si (significância retroativa).

No capítulo 2, são identificados silêncios na Revolução Haitiana por meio da história de Sans Souci, congolês escravizado e general da revolução. Ele liderou um grupo de libertos vindos da África e não aceitou a capitulação ao exército francês. Após vencer os franceses, foi traído e morto por Henri Christophe, o primeiro rei do Haiti independente. Ele foi silenciado em seu tempo por revolucionários franceses e haitianos, na historiografia oficial da revolução e na história pública. A história de Sans Souci prova que definições de silêncio e relações assimétricas de poder são estabelecidas durante e após o fato ocorrido.

No capítulo 3, parte da análise histórica e ontológica do “Homem universal” renascentista para mostrar como as populações africanas e indígenas da América foram subcategorizadas, construção filosófica justificadora do colonialismo e da escravização de ambos povos. Logo, escravizados por serem inferiores, eram incapazes de fazer revolução como brancos. A Revolução Haitiana “era não apenas impensável no Ocidente, e em decorrência disso inaudita, como era também – em grande medida – inenarrável, muda, mesmo entre os próprios escravos” (p. 147). O livro mostra os silêncios da intelectualidade iluminista europeia, de historiadores do século XX (uma nota de rodapé no clássico *A era das revoluções* de Erick Hobsbawm) e na recepção de *Os Jacobinos e Negros*, de C. L. R. James.

O autor segue a receita nos capítulos 4 e 5. No quarto, o fato histórico são as celebrações dos 400 e 500 anos da conquista da América por Cristóvão Colombo, navegador genovês ao serviço da monarquia espanhola. Aqui, ele aponta as ambiguidades historiográficas e os silêncios produzidos pelas disputas de memória em torno do tema nos dois períodos. No quinto, debate-se a polêmica em torno de um parque temático sobre escravidão na Disneylândia, reforçando a dimensão política de narrar o passado. Trouillot sintetiza sua visão sobre a função do historiador: contar o passado é participar dele no presente, exigindo autenticidade e uma relação crítica como atores e narradores com o que se sabe (p. 233).

No curso da leitura, encontramos três resenhas sobre a obra: P. Sousa (2019), F. Zucker (2019) e M. Lima (2023). Partindo de campos distintos do saber, Sousa enfatiza os silêncios historiográficos oriundos da articulação entre processo e narrativa histórica. Zucker propõe uma leitura epistemológica destacando o poder como constitutivo da própria história, enquanto Lima insere a obra no debate sobre a branquitude e a produção racializada do conhecimento. Nenhuma aborda a possibilidade de aplicação no ensino direcionado à educação básica, seja enquanto método ou teoria de ensino.

Trouillot propõe inovação metodológica na teoria da história ao relacionar materialidade do processo histórico (historicidade 1) com narrativas construídas sobre ele (historicidade 2). Estudar a Revolução Haitiana implica entender também o silêncio de Hobsbawm, cem anos depois do ocorrido. Eis uma inovação: desvelar as relações de poder que escolhem o que será lembrado e o que será silenciado, sendo este último o definidor do poder na história e, por conseguinte, dos currículos escolares da disciplina História. Deste modo, os

silêncios negam a premissa de esquecimento – fenômeno ativo, ambivalente e necessário no processo de construção da memória e da história – de Ricœur (2007). Não há esquecimento, mas silenciamento. Outro ponto forte é a escrita didática do autor: após um exemplo, demonstra a aplicabilidade de seu método – analisar a materialidade do passado e a historiografia, buscando relações de poder existentes no processo; metodologia também aplicável ao ensino de história.

Notamos que a edição mantém os dados desatualizados sobre o tráfico de pessoas escravizadas do continente africano para as colônias europeias na América; fontes de atualização poderiam ter sido indicadas em nota de rodapé. Há também silêncio sobre estratégias de aquilombamento nas Américas espanhola e portuguesa: já havia estudos sobre a federação de Palmares, por exemplo, as diversas publicações de Clóvis Moura. Teria Palmares merecido o silêncio de Trouillot porque foi derrotada pelo colonizador europeu?

Tais questionamentos não apagam os méritos e a atualidade da obra, que cumpre o objetivo anunciado. A denúncia contra o colonialismo europeu coloca o livro de Trouillot como um dos primeiros escritos decoloniais na teoria historiográfica; portanto, leitura fundamental para profissionais do ensino de história e pesquisadoras/es que se negam a perpetuar o cânone europeu e os silêncios, seja nas salas de aula ou na escrita da história.

Referências

CHARLONE, César (direção). *A coroa do imperador*. Roteiro: César Charlone; Jorge Furtado; Fernando Meirelles. Elenco: Darlan Cunha; Douglas Silva; Aldene Abreu. *Cidade dos Homens*. [S. l.]: TV Globo, 2002. 1 episódio (30 min), sonoro, colorido. Exibido em: 15 out. 2002. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8705457/>. Acesso em: 3 maio 2025.

HOBSBAWM, Eric. *A era das revoluções: Europa, 1789-1848*. Tradução de Maria Célia Paoli. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

LIMA, Marília da Silva. Notas sobre a corporação, marcas da brancura. *Revista Rosa*, v. 10, n. 2, dez. 2024. Disponível em: <https://revistarosa.com/10/marcas-da-brancura>. Acesso em: 1 jun. 2025.

RICCEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Liana Joppert Swensson. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SOUSA, P. L. P. Silenciando o passado: poder e a produção da história. Quando o passado silencia o presente. *Revista Café com Sociologia*, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 139–146, 2020. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/1107>. Acesso em: 1 jun. 2025.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*. Tradução: Sebastião Nascimento. Rio de Janeiro: Cobogó, 2024.

ZUKER, Fábio. TROUILLOT, Michel-Rolph. Silenciando o passado: poder e a produção da história. *Cadernos de Campo* (São Paulo – 1991), São Paulo, v. 28, n. 1, p. 319–324, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v28i1p319-324>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/148750>. Acesso em: 1 jun. 2025.

Resenhista



Fernando de Souza Cruz é doutorando e mestre em Ensino de História pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe (ProfHistória/UFS). É professor da Educação Básica no nível Médio. Pesquisador vinculado à UFSCAR no Programa Abdias Nascimento. Publicou, entre outros textos, [Diálogos com as memórias da Ditadura Militar](#): a construção de um jogo para o Ensino de História no nível Médio (2021) e [Diálogos com a memória](#): uma proposta lúdica no ensino de História para o nível médio em torno de temas relacionados à Cultura autoritária brasileira. ID Currículo LATTES:

<http://lattes.cnpq.br/9622685339782088>; ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6126-2341>; E-mail: fecruzsp@gmail.com.

Para citar esta resenha

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*. Tradução de Sebastião Nascimento. Rio de Janeiro: Cobogó, 2024. 264 p. Resenha de: CRUZ, Fernando de Souza. Esquecer e lembrar. *Crítica Historiográfica*. Natal, Natal, v. 5, n. 21, p. 1-5, jan./fev., 2025.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).